

PEREZ

vai á Argentina. Voltará ? !

(LER, NESTE NÚMERO, A SUA BIOGRAFIA
COMPLETA E PROFUSAMENTE ILUSTRADA)



N.º 10
CRÓNICA
Desportiva

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Desportiva

N.º 10 — 16-6-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGÊNCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

TODOS OS DOMINGOS



Os britânicos continuam a ser apaixonados do hipismo, das corridas de obstáculos. As «ladies» não ficam atrás dos homens para se distinguirem... No condado de Gloucester, grande concentração aristocrática, realizou-se há pouco uma importante prova, para homens e senhoras.

Miss Fitzroy foi a vencedora. E não nos digam que não há ritmo, a par da elegância e da arte, no estilo e na concordância da amazona e da montada.

Até na maneira de descolar da sela e de acompanhar a sua montada, Miss Fitzroy põe à prova a sua extraordinária classe.

Campeões e sub-campeões de Portugal e Espanha

Eis a lista dos campeões e sub-campeões de futebol, em Portugal e Espanha, nas mesmas épocas (campeonatos da I Liga e I Divisão).

1928-29	Barcelona, Madrid
1929-30	At. Bilbao, Barcelona
1930-31	At. Bilbao, Santander
1931-32	Madrid, At. Bilbao
1932-33	Madrid, At. Bilbao
1933-34	At. Bilbao, Madrid
1934-35	F. C. Porto, Sporting
1935-36	Benfica, F. C. Porto
1936-37	Benfica, Belenenses
1937-38	Benfica, F. C. Porto
1938-39	F. C. Porto, Sporting
1939-40	F. C. Porto, Sporting
1940-41	Sporting, F. C. Porto
1941-42	Benfica, Sporting
1942-43	Benfica, Sporting
1943-44	Sporting, Benfica
1944-45	Benfica, Sporting
1945-46	Belenenses, Benfica
1946-47	Sporting, Benfica
1947-48	Sporting, Benfica



A equipa do Real Madrid

Betis, Madrid
Atl. Bilbao, Madrid
Interrupção devido à guerra civil
Atl. Aviação, Sevilha
Atl. Aviação, Atl. Bilbao
Atl. Aviação, Atl. Bilbao
Atl. Bilbao, Sevilha
Valência; Atl. Aviação
Barcelona, Real Madrid
Sevilha, Barcelona
Valência, Atl. Bilbao
Barcelona, Valência

Águas e Di Stefano

Reis dos marcadores em Portugal e Espanha



A Equipa do Benfica

1948-49	Sporting, Benfica
1949-50	Benfica, Sporting
1950-51	Sporting, F. C. Porto
1951-52	Sporting, Benfica
1952-53	Sporting, Benfica
1953-54	Benfica, Belenenses
1954-55	Benfica, Belenenses
1955-56	F. C. Porto, Benfica
1956-57	Benfica, F. C. Porto

Barcelona, Valência
Atl. Madrid, Corunha
Atl. Madrid, Sevilha
Barcelona, Atl. Bilbao
Barcelona, Valência
Real Madrid, Barcelona
Real Madrid, Atl. Bilbao
Atl. Bilbao, Barcelona
Real Madrid, Barcelona

Eis os dois grandes marcadores dos campeonatos de Portugal e Espanha, de futebol: José Águas e Alfredo Di Stefano.

Águas marcou 30 golos no último torneio, e Di Stefano, 36. O mágico jogador argentino calcula que marcou, ao longo da sua carreira mais de 300 golos.

...O que não é muito visto que o nosso Peireto, em cerca de dezas-seis anos marcou quase 700!...

**ÍDOLOS QUE
A MORTE LEVOU**



Acácio Mesquita no jogo contra os austríacos que originou o epíteto de «Os três diabos do meio-dia».

Acácio Mesquita
um dos diabos do «meio-dia»
foi um desportista eclético...

TERVE o F. C. Porto durante muitos anos um trio avançado que se celebrizou com a designação de «Três Diabos do Meio Dia». Waldemar, Acácio e Pinga, assim ficaram conhecidos depois de um encontro disputado contra o «First de Viena» (na altura campeão austríaco) e que começado às 12 horas, terminou com a vitória do F. C. Porto por três bolas sem resposta, tendo sido primorosa, «endiabrada» a actuação do trio central.

A comandar os «Três Diabos do Meio Dia» estava a figura inconfundível de Acácio Mesquita. Saído a tempo dos infantis do grande clube, quem ao vê-lo jogar diria que Acácio era um estranha temperamento pois aparentemente não vibrava. O jogo mais importante não lhe confendia com os nervos. Parecia pelo menos que era assim...

No entanto, Acácio «quando queria» era o avançado-centro ideal. Ordenava inteligentemente o jogo da sua equipa e marcava golos inconcebíveis. Tinha cabeça e dois pés de artista!

Teve Acácio tardes inesquecíveis, contra

o Vasco da Gama, que o Porto venceu por 2-1, contra o misto do Brasil em que Acácio se multiplicou para manter o 0-0, contra o Benfica no célebre jogo dos 8-0 e nos inesquecíveis encontros contra o Belenenses, Internacional contra a Espanha e a França só devido à irregularidade das suas exibições não envergonhou mais vezes a camisola nacional.

Mas, Acácio não se dedicou só ao futebol pois no atletismo chegou a ser fulgurante. Durante dois anos foi campeão nacional de triplo-salto, estabelecendo o recorde com 13^m.43. Ganhou também vários campeonatos regionais de salto em altura, triplo e comprimento, 110 metros barreiras e 4 x 100. Foi seleccionado nestas modalidades contra Vigo e contra Lisboa e chegou a bater em barreiras o «homem que voava», Palhares Costa.

Desportista eclético ainda tentou o basquetebol, chegando a ser campeão do Porto em 2.^a categoria.

Esta, é a ficha de um homem que foi grande, no desporto nacional, e que a morte levou já, prematuramente.

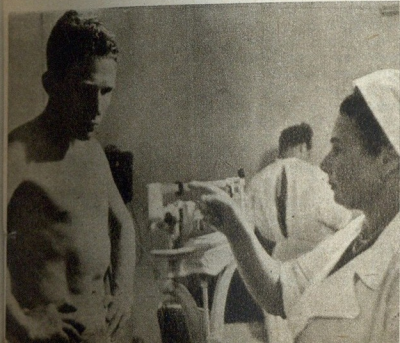
**UMA MÉDICA PROFETIZOU
A VITÓRIA OLÍMPICA DE
VLADIMIR
KUTZ**

Para bater «records» olímpicos é necessário ter-se coração e pulmões excepcionais como Vladimir Kutz — o super homem de Melbourne, vencedor de forma empolgante das provas dos 5.000 e 10.000 metros em competição com os mais famosos fundistas mundiais.

28 minutos, 45 segundos e 6 décimos, foi o tempo com que bateu o recorde olímpico de Zatopeck, fixado em 1952, na Finlândia.

A sua vitória em Melbourne foi profetizada pela médica que na gravura vemos a observar o atleta que lhe está dizendo:

— Você tem todas as condições para vencer, Kutz. O seu coração e pulmões são da fortaleza do aço...



Disposições legais sobre o desporto

Eis, em síntese, algumas disposições legais sobre desporto, respigadas do opúsculo da D. G. D., intitulado «Legislação e doutrina»:

Jogadores estrangeiros em equipas nacionais — Em modalidade onde se lute por um título individual não se deve permitir que um estrangeiro se candidate a ser campeão de Portugal.

— Que nas modalidades por equipas possam tomar parte em torneios inter-clubes, inter-regionais ou mesmo nacionais equipas constituídas por dois terços de portugueses e um terço de estrangeiros.

Os jogadores das escolas de Iniciação dos clubes deixam de estar vinculados quando o jogador deixe de ser utilizado durante uma época, para poder ter o direito de se transferir.

Nenhum dirigente pode ser punido sem ser ouvido (ofício à Federação de Patinagem).



O período de 24 horas a que um desportista está sujeito na prática de duas modalidades desportivas deve ser contado desde o fim de uma prova até ao início da outra.



A ginástica olímpica ou «aplicada» é um autêntico desporto com as suas competições e deverá ser incluída na «classe A». Em conformidade, para os ginastas participando em campeonatos desta categoria, o regime de transferências é de impor.

Frances Hogben

nadadora olímpica britânica, ganhou, também, um concurso de beleza!



Apenas com 19 anos, a insinuante Frances Hogben nadadora olímpica inglesa, colecionou já um bom número de triunfos, e tudo indica que a presente temporada seja das mais frutuosas para a sua carreira desportiva. Assim, além das várias provas a que concorrerá nas piscinas da comunidade Britânica, Frances está seleccionada para as equipas da Grã-Bretanha, Escócia e Universitária britânica, pelas quais deve nadar contra as seleções da Alemanha este mês e de Moscovo em Julho nos Jogos Universitários de Roma e para o fim da temporada contra a Itália e Suécia.



Em pleno treino discutindo com o treinador Andy Rohl.

Numa aula de cozinha.

Frances Hogben que aprendeu a nadar em Gibraltar quando seu pai servia na «Home Fleet», treina diariamente cerca de mil metros, como preparação às provas de 100 metros, em que é especialista.

A sua braçada é larga e vigorosa, o que a torna adversária temível.

Após cada treino a jovem Frances discute sempre com o seu treinador Andy Rohl pormenores técnicos Frances Hogben, além de nadadora é também estudante aplicada do Aberdeen College, onde estuda Ciências Domésticas, cuja carreira adora.

A beleza física de Frances é impressionante, o que lhe valeu ser eleita Rainha de Beleza na Cidade de Arbroath, Torfar, sua terra natal.

Os ingleses depois deste triunfo alcunharam-na de «Miss Ambição».



A primeira deslocação de uma selecção Portuguesa ao Brasil

Data de há quarenta e quatro anos a primeira deslocação de uma equipa portuguesa ao Brasil. A Associação de Futebol de Lisboa fez deslocar a terras de Santa Cruz, em 1913, uma selecção dos melhores jogadores desse tempo, que no espaço de duas semanas — de 13 a 27 de Julho — realizaram sete encontros.

Os resultados obtidos nessa primeira digressão além-Atlântico foram os seguintes:
No Rio de Janeiro — Derrota por 3-1 contra um misto inglês (Rio Cricket e Pay Sandu); derrota por 1-0, contra um misto brasileiro; empate 0-0 contra a Liga Metropolitana dos Esportes Atléticos; vitória por 1-0 contra o Botafogo F. C.

Em S. Paulo — Empate 2-2, contra o Atlético das Palmeiras; derrota por 5-1, contra Mackenzie College; vitória por 1-0, contra o Clube Atlético Paulistano.

Total: 2 vitórias, 2 empates e 3 derrotas, 6-11 golos.

Actuaram os seguintes jogadores:

Benfica — Henrique Costa, Carlos Figueiredo (ambos em todos os jogos); Cosme Damião 6; Artur José Pereira, 6; José Domingues Fernandes, 6; Álvaro Gaspar, 6; Luis Vieira, 6; Paiva Simões, 4. **CIF** — Carlos Sobral, 5; E. Pinto Basto, 3; Boaventura Belo, 3. **Sporting** — António Stromp e João Bentes (todos os jogos); Amadeu Cruz, 3; Francisco Stromp, 1.

Marcaram os nossos seis golos: Artur José Pereira (3), Carlos Sobral (2) e António Stromp (1).

Bonjour, Paris!



Eis os «Harlem Globetrotters», de novo, em Paris. Da esplanada do Palácio de Chaillot, onde se dedicaram às suas habituais fantasias, os negros maravilhas do Basquetebol norte-americano deram os bons dias à capital francesa, ante o sorriso amigo dos parisienses. Da esquerda para a direita aparecem-nos Henry Kean, Roman Turmon e Tom Spencer. Nenhum deles, embora tendo mais de dois metros, e apesar da ajuda do fotógrafo, consegue no entanto, ser mais alto do que a Torre Eiffel...

Esta semana fazem anos

dos três «ases» que fazem anos esta semana. Em primeiro lugar temos **Abel**, o quase internacional, que nasceu em Vila Pouca de Aguiar (Barnes), em 16 de Junho de 1926. Faz hoje, domingo, 31 anos, portanto. **António Abel Ferreira** começou no C. D. Leões do Freixo, em 1945. Passou ao Sporting de Lamego em 1947, para o Sporting de Braga em 1949-50 e para o Caldas em 1956-57.

Na terça-feira, é **Cesário**, do Sporting de Braga quem festeja o 28.º aniversário, porquanto nasceu em 18 de Junho de 1929. Principiou a sua carreira nos juniores do Sporting de Braga em 1946-47, fez uma época na 1.ª categoria no Desportivo de Monção (clube da sua terra), e depois voltou ao Sp. Braga em 1948-49.

Outro «às», em evidência no final desta época: **Miguel Diogo Gonçalves**, do V. Setúbal. Nasceu em 19 de



Junho de 1931 — pelo que completa 26 anos na quarta-feira. É natural da Trafaria e representou sucessivamente: Pescadores da Costa da Caparica, em 1950-51; Elvas, em 1951-52 e 1953; V. Guimarães, em 1953-54 e 55; V. Setúbal, desde 1955-56.

Tombou com uma dor no apêndice

O ciclista que está estatelado por terra, sobre os paralelepípedos traçoeiros das estradas do Norte da França, é o marroquino Ahmed Kebriti.

Está no chão, não porque tenha feito uma errada manobra, mas, sim, porque a isso o obrigou uma forte dor de apêndice!

Transportado, de seguida, ao hospital. Kebaiti foi operado de urgência, pelo que tão depressa não pode cortar a meta...



ASES CELEBRES

nos campeonatos corporativos

Datam de 1940 as actividades gino-desportivas da F. N. A. T.. Ao longo destes dezassete anos muito se tem feito em matéria da propaganda de desportos e da educação física nas classes trabalhadoras. Estamos convictos de que muito mais se há-de fazer quando estiver reorganizado o desporto português, isto é, quando existir a distinção do profissionalismo e do amadorismo. Quando isso acontecer, afigura-se-nos que os campeonatos corporativos tomarão um interesse crescente, com a inclusão de muitos atletas que hoje, na miragem de ganhar a vida a jogar futebol, não querem ou não podem, ter qualquer outro emprego. O profissionalismo do futebol, logicamente, não poderá estar aberto a todos. O futebol profissional será um escol de artistas.

Muitos pseudo-profissionais de agora ou os jovens que sonham com essa carreira, se quiserem continuar a jogar, fá-lo-ão em regime de amadorismo ou em condições tais que terão de ter emprego para se manterem. Isto no futebol como noutras modalidades.

Dal resultará que muitos virão, indirectamente, a ser atraídos para o chamado desporto corporativo — uma actividade salutar, onde o factor camaradagem tem um significado absoluto, inexcédível.

Todavia, num passado algo distante — em Setembro de 1946 — os campeonatos corporativos de atletismo disputados no Porto tiveram real interesse. Será talvez, uma surpresa reconhecer alguns vencedores «ases» bastante conhecidos.

— Outro futebolista e hoquista — Jesus Correia — a equipa dos 4 x 80, do Grémio dos Armazenistas le Mercearia, que venceu com 38,6 s., que brilhou obtendo nas passagens de testemunho. Nos extremos; Délio e Ceia, ambos internacionais em andebol, e o último também em basquetebol!



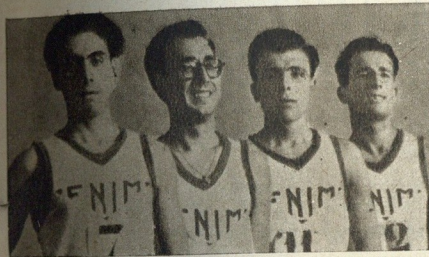
— Álvaro Dias, da Figueira da Foz, que venceu o salto em comprimento com 6^m.70.



Devido a um regulamento incompreensível, os jogadores de xadrez da categoria de «Mestres» da F. P. X., não tem podido disputar os campeonatos corporativos. Todavia, o G. D. da Carris tomou a iniciativa de organizar todos os anos um torneio para os C. A. T., sem distinção de categorias federativas, aliás patrocinado pela F. N. A. T.. E assim, eis os «mestres» Daniel de Oliveira e António Rocha, representando respectivamente o Inst. Pasteur e o F. N. I. M., a disputarem um jogo.

— Na equipa dos 4 x 1000 da Federação Nacional dos Industriais de Moagem reconhecem-se José Araújo, António Freitas, Jorge Almeida e José Maria, que ingressaram depois no Benfica. Araújo já se sabe que se tornou num maratonista e corredor de fundo de classe internacional; Freitas foi co-recordista nacional dos 4 x 1500 m. e hoje é jornalista; Almeida foi dirigente do Benfica, jogador de «raguebi» e é actualmente director da Associação Naval.

— Feliciano, futebolista do Belenenses, que lançou o peso de 5 quilos a 13,31, ganhando a prova da sua categoria.



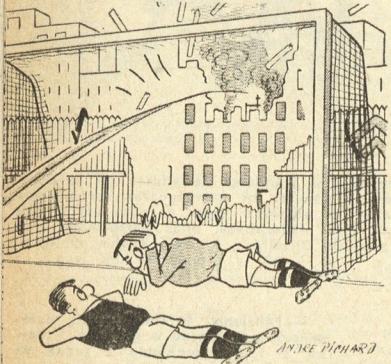
no Desporto



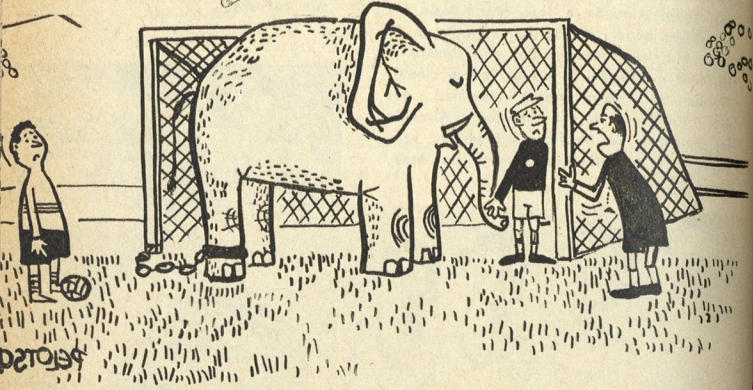
— Algo me diz que já não têm confiança em mim nesta equipa



— Aquele tipo tem um chute que parece um tiro de canhão!



ANÍKE PICHARJ



O árbitro:
— Não há cá mascotes, nem meias mascotes. o senhor vai fazer-me o favor de pôr o elefante lá fora...



A bicicleta que nos venceu

★ Em vésperas de novos encontros com a selecção brasileira de futebol, vem a propósito recordar o momento culminante do primeiro jogo disputado entre os dois países irmãos, e que terminou com a vitória do «onze» verde-amarelo por 1-0. Na foto, a famosa «bicicleta» de Gino, para a qual os «travões» de Carlos Gomes foram imponentes... O número 9 da selecção brasileira rodeado por Vasques, Juca e Passos, conseguiu mesmo assim, acrobaticamente, que o esférico tocasse as malhas das redes lusas dando o único (e, sem razão, discutido tento) do encontro. Pelo menos, perante a foto, a jogada não parece perigosa...



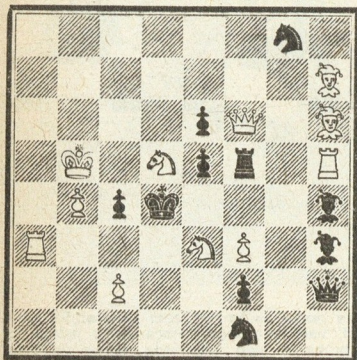
«Miss Campismo» no Bosque de Bolonha!

Como as «Misses» estão na moda, os franceses lembraram-se agora de eleger a «Miss» do Ar Livre e do Campismo.

O concurso, que foi muito concorrido — como facilmente se calcula! — realizou-se no Bosque de Bolonha e foi ganho por uma jovem costureira parisiense, de nome Yolande Celin e que tem 20 anos. Uma simpatia como se vê...

Xadrez

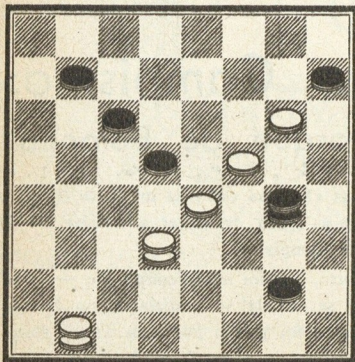
S. SEDWICK



MATE EM DOIS LANCES

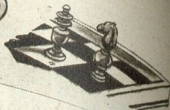
Damas

JORCE FERNANDES

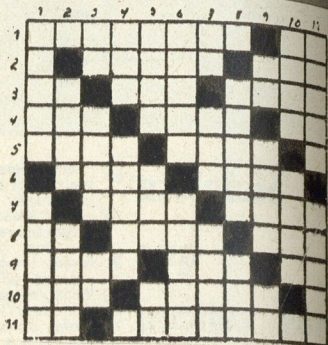


JOGAM AS BRANCAS E GANHAM

DESPORTO MENTAL



PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais — 1 — Internacional de futebol; utensílio. 2 — Antigo guarda-redes do V. Setúbal; unidade de trabalho. 3 — Porco; regra; rezou. 4 — Parente; cada um dos artigos de uma exposição escrita ou requerimento; apelido. 5 — Jogador do V. Guimarães; pron. pess. pl.. 6 — Mão; bra os remos; ligeiro. 7 — Trabalho; lícor. 8 — Campeão; malha; adore. 8. — Instituto; medida agrária; viração. 10. — Cã-nero de orquídeas; deusa da caça. 11. — Diminutivo de José; internacional do Benfica.

Verticais — 1. — Lusitano de Évora e do Sporting. 2. — Vila de Portugal; numeral. 3. — O sol (egípcios); líquido gorduroso; nome de letra. 4. — Jogador da Académica; espádua. 5. — Dirigir-me-ei; medida agrária; oferece. 6. — Treinador da Académica, que se retirou da actividade futebolística; chefe. 7. — Vogal (pl.); pron. pess.; existiam. 8. — Termo; nome de letra. 8. — Acusada; signo; gemido. 10. — Vantagens; capital sul-americana. 11. — Internacionais de futebol que se estreamam no mesmo dia.



Maneiras de cortar a meta...

Digam lá, amigos, se este sorriso feliz do jovem amador francês Joseph Grousard, vencedor do Paris-Vimoutiers, não é de pôr em foco, em contraste com o gesto de enfado do belga Derick.

Este até mais parece estar a protestar do que a fazer o clássico meneio de triunfador.



Ainda que pareça impossível, um jogador partiu uma das traves da baliza, o que deve ser, certamente, um «record» difícil de igualar e deixar a perder de vista as proezas dos «fura-redes»... Isto ocorreu nos quartos de final da «Taça de Inglaterra», durante o encontro Bournemouth — Wolverhampton.

Em determinado momento, Red Cutler, extremo esquerdo do «Bourne» acorreu lestandamente a um centro do seu colega da direita. E com tanta «genica» o fez que, embatendo no poste o partiu!

Foi preciso interromper o jogo e chamar, à pressa, carpinteiros especializados, para pôrem a baliza em condições. Mas, perguntarão os leitores: — E o que aconteceu a Reg Cutler?

Simplesmente... nada! Nem uma beliscadura. O que fez um espectador comentar:

— Este homem deve ser feito de cimento armado!

Deitou
a baliza
abaixo!



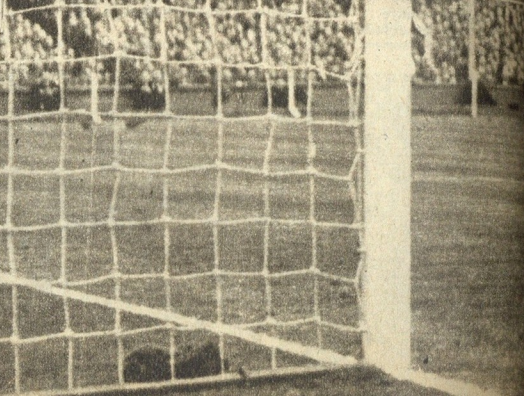
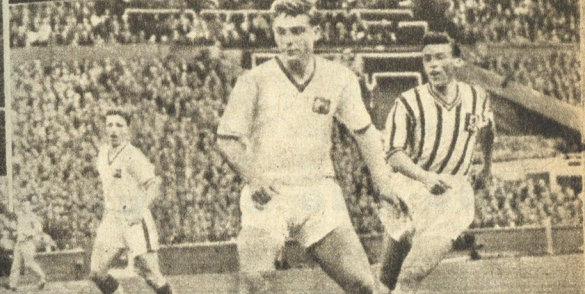
TERIA SIDO ESTE ACIDENTE QUE DECIDIU OS INGLESES?

Estas três imagens representam outros tantos episódios da recente final da «Taça de Inglaterra», na qual o Aston Villa bateu o Manchester United, que era o grande favorito, por 2-1.

Vemos a Rainha Isabel II entregar a famosa Taça ao capitão do team vencedor Dixon; o momento em que o irlandês do Aston Villa, Mc Parland, magoou o guarda-wood, do Manchester, e, por último, o médio-centro Jack Blanchflower, que substituiu o infeliz guarda-redes, desviar para canto um perigoso remate adversário.

Diz-se, agora, que a Federação Inglesa, depois deste incidente, que contribuiu decisivamente para a derrota do Manchester, parece disposta a permitir a substituição dos guarda-redes, mesmo em jogos oficiais.

Se assim suceder, poderá dizer-se que o lesionamento de Wood, tornou duas vezes célebre a final da Taça de 1957. Por ter favorecido o Aston Villa; por ter contribuído para que os ingleses se resolvessem a modificar os regulamentos em vigor — eles que tão fieis são às tradições e às leis!





O URSO FUTEOLISTA

Outrora era usual os guarda-redes usarem mascotes, que prendiam nas redes, logo que ocupavam a baliza. Um dos mais fervorosos adeptos dessa superstição era o famoso Ricardo Zamora.

Com o decorrer dos tempos a coisa caiu de moda.

Todavia, em França, há um jogador que resolveu lançar de novo a moda... É o avançado-centro do Racing de Lens e da equipa das Esperanças da França, Jean-Marie Courtin.

Courtin arranjou um urso de peluche, vestiu-lhe uma camisola azul, uns calções brancos, calçou-lhe umas meias encarnadas e umas botas com pitons e agora, sempre que joga, entra no terreno com o seu amigo urso e prende-o às redes do seu clube, ou da selecção tricolor.

O urso futebolista já esteve em Budapeste no torneio das esperanças, na Inglaterra com os amadores e agora na Alemanha com os Universitários franceses.

Pouco a pouco, pois, o urso vai conhecendo a Europa e a Europa vai conhecendo-o a ele...



LÁGRIMAS e BEIJOS entre os egípcios vitoriosos

A Itália B defrontou recentemente no maravilhoso Estádio de Pescara a Selecção do Egipto, com a qual perdeu por 1-0.

Depois do encontro, os egípcios deram largas ao seu entusiasmo e alegria, e cada qual manifestou-se à sua maneira, como aqui o demonstramos. Assim, vencedor se deixa, sorridente, beijar pelo seu defesa direito, em sinal de agradecimento por ter conseguido manter invioladas as suas redes, o defesa esquerdo chora de alegria pela vitória tão brilhantemente obtida.



Para dissertar sobre a missão do quarto defesa, escolhemos Alfredo, valoroso médio que para o Benfica foi um «achado» para desempenhar o difícil lugar. Eis o que nos disse Alfredo:

*

Considero o lugar de médio recuado bastante mais difícil do que o meu antigo posto de defesa central. Simplesmente, este último acarreta maior responsabilidade. Quando o defesa central falha, só tendo atrás de si o guarda-redes, este fica meio batido.

O lugar de médio recuado torna-se mais difícil, pois não podemos (ou não devemos) deixar de apoiar, dentro do que é humanamente possível, os avançados. São precisas mil cautelas para mantermos a posição ideal no terreno, sujeitando-nos às constantes variações de jogo, ora ao ataque, ora à defesa.

Por tudo isto considero o sentido de antecipação a maior arma, do médio-defesa. É preciso ser-se oportuno, chegar sempre à bola em primeiro lugar. Assim pode-se defender, e construir imediatamente. Se a bola fica na posse do adversário, temos primeiro que tirar-lha e se formos capazes

DIZ QUEM SABE...



ALFREDO

fala da missão do quarto defesa

disso já nos damos, às vezes, por muito felizes. Mas os médios, mais do que os defesas, não devem só destruir.

Já me têm perguntado qual é o meu segredo no «desarme» — ou o segredo do terceiro pé. Não há segredo nem terceiro pé. Desarmo como outro qualquer defesa, procurando sempre ser oportuno no tempo de entrar e... nunca tiro os olhos da bola. Mas isto todos sabem.

Suponho que foi em Caracas, num jogo com o Valência, que executei o meu melhor jogo, como quarto defesa. Tinha de estar de «colho aberto» relativamente a Wilkes e a Muñoz (avançado-centro e ponta-direita). Num caso destes o sentido de oportunidade é tudo. O Benfica ganhou por 2-1 e eu acabei extenuado. Mas valeu a pena...

Nesse jogo estive igualmente bem a jogar com os pés e com a cabeça. É também muito importante que o médio-defesa (aliás como outro qualquer defensor) tenha bom poder de elevação. Para tanto deve treinar-se afinadamente para adquirir a conveniente elasticidade.

Com tudo isso, e com os olhos sempre na bola, desarmo-se muito mais facilmente o adversário.

ALFREDO ABRANTES

Sabe que equipa é esta?



É bem famosa... Que feito notável cometeu? Como alinharam os jogadores? Qual o resultado da pugna?

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DE HOJE

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1. — Virgílio; pa. 2. — Aires; erg. 3. — To; lei; orou. 4. — Avo; item; so. 5. — As; Rede; ame. 9. — Lego; are; ar. 10. — Ate; Diana. 11. — Zé; Palmeiro. Verticais: 1. — Vital; Galaz. 2. — Ovar; sete. 3. — Ra; óleo; age. 4. — Gil; ombro. 5. — Iret; are; da. 6. — Leite; adail. 7. — Is; ela; eram. 8. — Omeça; ne. 9. — Er; sina; ai. 10. — Prós; Lima. 11. — Aguas; Sério.

XADREZ — 1.C7.

DAMAS — 11-24, 13-31; 4-8, 25-11; 24-9, etc.

FOTO-ENIGMA — Académica, vencedora da «Taça de Portugal», de 1939. Alinharam: Tibério; Antunes e César Machado; Portugal, Faustino e Octaviano; M. Costa, Alberto Gomes, Arnaldo Carneiro, Conceição (Nini) e Pimenta. Venceu o Benfica na final por 4-3.

PING!...

Esta é a fracção de segundo exacta, em que uma bola de pingue-pongue toca a raqueta do jogador e faz «ping»...

Momento de flagrante precisão, só possível graças à subtileza artística do fotógrafo, ao seu preciosismo e brio profissional.

A este documento, recentemente exposto num concurso realizado em França, viu-se atribuir um dos melhores prémios do certame.

OS VENCEDORES DO RIO-S. PAULO

Os cinco primeiros classificados dos campeonatos de futebol do Rio de Janeiro e de S. Paulo disputam anualmente um torneio intitulado «Roberto Gomes Pedrosa», o qual constitui uma versão reduzida do campeonato nacional.

Até à data, foram vencedores do torneio: 1950 — Corinthians (de S. Paulo); 1951 — Palmeiras (de S. Paulo); 1952 — Portuguesa de Desportos (de S. Paulo); 1953 — Corinthians; 1954 — Corinthians; 1955 — Portuguesa; 1956 — S. Paulo; 1957 — Fluminense.

Total: 8 provas — 7 vitórias paulistas, o que, de certo modo, corresponde à maioria de Campeonatos ganhos pelo «onze» de S. Paulo.

Este homem, **COM A CABEÇA RACHADA!** cha profundamente a sala de operações de um hospital, é o francês Dotto, um dos melhores ciclistas da actualidade. Como se vê, ele tem na cabeça uma brecha profunda, originalíssima, originada por uma queda em plena estrada, que levou o ciclista a embater contra uma pedra. Horas do diabo a que qualquer de nós está sujeito...



A PÁSCOA DO CAMPEÃO

Este homem sorridente, no momento em que se prepara para abrir o ovo da Páscoa, é o ciclista belga, campeão do Mundo, Rik Van Steenberghe.

Rodeado dos seus cinco filhos, para os quais, a avaliar pelas expressões de cada um deles, o minuto que passa é solene, papá Rik entrega-se ao prazer de desfrutar do ambiente maravilhoso que o momento lhe proporciona, bem diferente daquele outro, que ele tão bem conhece, e que por vezes lhe dá «rendez-vous» ao longo das estradas europeias.



“Rock n’ ball”...

Que confusão tremendíssima, hem? De que se trata? De um match de catch? De uma cena de pugilato entre os jogadores? Seja qual for a semelhança que este cacho humano possa ter com as modalidades acima focadas, nós inclinamo-nos para pensar, que os jogadores do Nimes e do Nancy tentaram apenas criar uma nova dança, à qual se poderá chamar o «Rok n’boll!»

A BALIZA CAMELO

A curiosidade desta foto não reside no acontecimento, que é o encontro Hungria-Inglaterra (7-1) disputado em 1954, em Budapeste, nem no golo que Puskas, na extrema direita, acaba de marcar. Reside, sim, no feito das balizas, cuja trave e postes são redondos e pintados de encarnado e branco.

Faz-nos lembrar um caramelo comprido, daqueles que são enrolados em papel de cor, às listras...





MELHOR do que estar na baliza...

Este atleta em fato de treino é Jack Kelsey, guarda-redes do Arsenal de Londres.

Kelsey, que é um excelente «keeper», é um rapaz com ótimas ideias e de um gosto muito apurado.

Relabrou-se recentemente de inaugurar um ginásio, só para senhoras e vejam bem a categoria da classe...

É melhor do que estar na baliza!...



NEM SEMPRE O GUARDA-REDES É O ÚLTIMO DEFENSOR!

Esta aparente *melée* formada frente à baliza do Grenoble, clube francês da 2.ª Divisão, prova eloquentemente que nem sempre o guarda-redes é o último defensor. Aquele aparece, longe do lance, já completamente batido. E foi o seu médio-centro quem, já sobre o risco fatal, repeliu a bola para longe, no momento em que ela se preparava para ir beijar as malhas...

Em geral, estas jogadas de emergência são puramente instintivas, mas deixam aos protagonistas um sabor de especial satisfação...

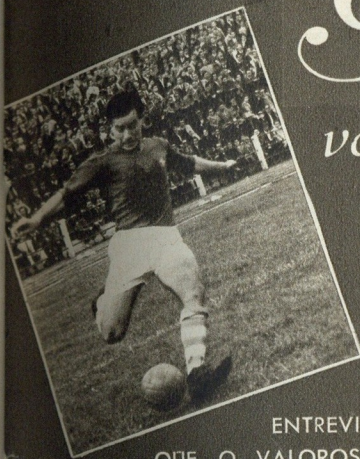


Pôs a mão no chão e...

Que será que se passa nesta fase do encontro Stade Français-Roubaix, disputado em Paris?

O guarda-redes do Roubaix, apoiando a mão esquerda no solo, bloca bem seguramente, pelos vistos, a bola contra o peito. O avançado contrário, está caído por terra e longe do «keeper». E mais afastados, três defensores do Roubaix parecem chamar a atenção do árbitro para qualquer coisa de extraordinário que se terá passado.

Ou será apenas espanto pela esquisita posição adoptada pelo guardião do Roubaix?



Perez vai à Argentina; VOLTARÁ?

LEIA NAS PÁGINAS
SEGUINTE A MAIS COMPLETA
ENTREVISTA PROFUSAMENTE ILUSTRADA
QUE O VALOROSO ARGENTINO DO BELENENSES
CONCEDEU ATÉ HOJE



Na equipa do «Estudiantes», na Argentina, na companhia dos nossos conhecidos Forneri (o 5.º, de pé), Pellejero (2.º ajoelhado) e Perez (o 3.º).



Anos mais tarde, em Portugal, os três argentinos Pellejero, Perez e Forneri voltaram a reunir-se numa «selecção» de argentinos, na festa de Benitez.

ESTÁVAMOS sentados na larga varanda de um dos cafés da Baixa, desdobrando-se a praça do Rossio sob os nossos olhos. Foi assim num ambiente bem lisboeta que Ricardo Perez nos contou a sua história — recordando largos trechos passados na longínqua Argentina.

— Nasci em La Plata, a 30 quilómetros de Buenos Aires — começou por nos dizer, acedendo ao nosso convite para nos fazer uma breve autobio-

grafia — Meu pai era espanhol e faleceu quando eu tinha doze anos. — Era desportista o seu pai? — inquirimos.

— Sim, foi jogador do Atlético Bilbao. Possuíamos uma fábrica de lexívia, e quando meu pai faleceu foi o meu irmão Osvaldo que tomou conta da fábrica. Para isso deixou de jogar no «Ginnastica y Esgrima».

E prosseguiu, assim, a narrativa da sua infância:

— Eu interrompi mais tarde os estudos secundários que cursava, para ajudar o meu irmão na direcção da fábrica, nos escritórios, enquanto ele se preocupava mais com a parte técnica.

— E quando começou o Perez a interessar-se pelo futebol?

— Muito novo. Aos 12 anos já estava inscrito nos «infantis» do clube da terra, o «Estudiantes de La Plata».

— Um género «Académica» de Coimbra?

— Não. É possível que tivesse sido fundado por estudantes, não posso precisar, mas no meu tempo era um clube da I Divisão argentina, como outro qualquer, nem dos mais fortes, nem dos mais fracos.

E Perez continuou:

— Os nossos jogos eram muito interessantes. Disputavam-se nos intervalos dos desafios grandes. Duravam 15 minutos (o tempo em

A chegada a Portugal. Da esquerda para a direita: Calixto Gomes, Perez, Benitez, dr. Gomes da Silva, Horácio Coelho e Manuel Vacondes.



que o campo ficava devoluto) e permitia-nos, a nós, rapazinhos, habituar-nos às grandes assistências.

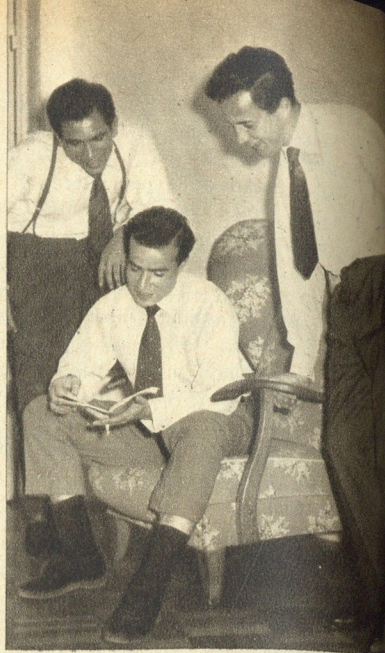
Não há dúvida que é uma ideia interessantíssima, que muito deveria agradar aos entusiastas portugueses. Aqui fica a sugestão aos clubes que possuam «escolas de jogadores»...

O TIO QUE IA AO FUTEBOL.

— A minha mãe não gostava que jogássemos futebol — continuou Perez — Não sei se por meu pai ter sofrido algum dissabor no jogo. Certo é que não me deixava jogar. Apesar disso eu ia fazendo aqueles jogos de quinze minutos, no intervalo dos grandes. Até que um dia o meu tio foi ao futebol e, é claro, no intervalo lá apareci eu, com os meus colegas. O meu tio reconheceu-me, achou muita graça, e disse à minha mãe, que acabou por concordar.

Prosseguindo, Perez contou ainda:

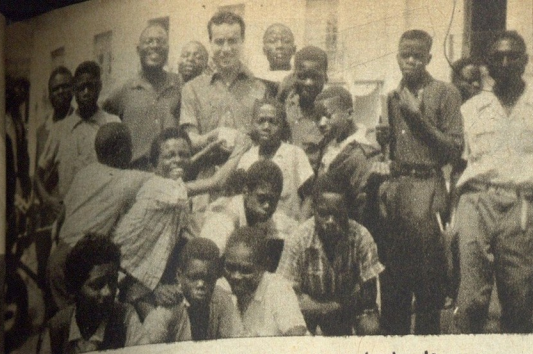
— Aos 14 anos ingressei na V Divisão, isto é a classe que me competia pela idade. Lembro-me



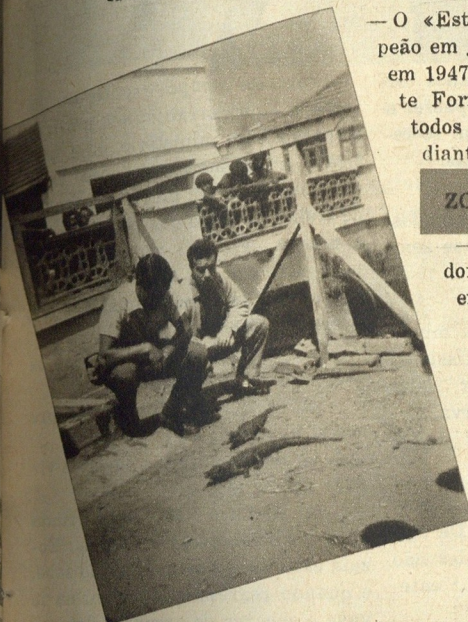
No «lar dos argentinos belenenses Benitez, Perez e Di Pace lêem a revista humorística do seu país.



Jogo com o Benfica, no Estádio da Luz, rodeado de adversários e sem se atemorizar...



Uma novidade para Perez: ver-se rodeado de admiradores, em plena África...



Em África, contemplando, com Figueiredo, «crocodilos-bebés!»

que perdemos na final do campeonato com os rapazes do River-Plate, por 2-1, ficando, assim, subcampeão.

— A que lugar jogava nessa altura?

— Interior direito e esquerdo — respondeu. E prosseguiu:

— O «Estudantes» foi depois campeão em juniores (tinha eu 17 anos) em 1947, e desta equipa faziam parte Forneri e Pellejero. Passamos todos juntos à reserva do «Estudantes», na época seguinte:

ZOZAYA era o Treinador

— Quem era o vosso treinador? — ocorreu-nos perguntar então.

— Zozaya, que foi também treinador do Benfica.

— Não agradou cá... — observamos.

— Mas era um treinador competente e sei que foi um grande jogador internacional. Era pouco expressivo, lá isso era, e talvez por isso não tivéssemos agradado cá.

— Adiante...



De regresso de uma agradável viagem Madeira.

— Perfeitamente. Foi o dia mais alegre da minha carreira. Tinha 21 anos. Foi contra o «Boca Juniors», eu a interior direito, e ganhamos por 2-1.

NOVO rumo na vida

— Em 1950, com vinte anos tornei-me profissional, isto é passei a receber ordenado, pois até aí só recebíamos prémios de vitórias.

— Quanto?

— O equivalente a 80 escudos. Mas como ganhávamos quase sempre...

— E o ordenado?

— À volta de 1.400\$00, na minha categoria. Eu passei a profissional automaticamente, por ter feito mais de doze jogos na reserva.

— Nunca jogou na 1.ª categoria?

— O lugar estava tapado por dois grandes internacionais, Pesca e Infante, que jogaram cá. De maneira que só quando um deles não podia é que eu jogava na 1.ª categoria.

— Recordá-se da estreia?

— Por esse tempo—continuou Perez—o clube arranjou-me um bom emprego num ministério, cuja sede ficava a 300 metros do nosso campo. Dispensavam-me nas manhãs de treino de modo que podia treinar à mesma. Forneri também arranjava emprego na Câmara Municipal e Pellejero no Ministério das Comunicações.

— Para onde ia um, iam logo os outros... — observamos.

— É verdade. Fomos sempre muito amigos.

— Como lhe surgiu a ideia de vir para Portugal?

— A história da minha vinda para o «Belenenses» é simples: Zozaia esteve em Portugal, como sabe, e quando regressou à Argentina levava o encargo de arranjar dois jogadores para o Belenenses, segundo

pedido do seu amigo Calixto Gomes.

E continuou:

— Zozaia, que era «persona grata» no «Estudiantes» pediu aos directores do clube para que me dispensassem, tendo também convidado Benitez.

— O «Estudiantes» acedeu...

— Sim, dispensou-me por duas épocas, mas lá os convenci a ficar completamente livre, isto é, a não fazer um «contra-passe», que me qualificasse de novo, passados os dois anos. Como tinham muitos jogadores, deram-me completa liberdade.

— Como encarou a família o convite para vir para Portugal?

— Minha mãe não queria. Mas meu irmão concordou comigo em que estava em boa idade para procurar outro rumo na vida e viajar. E assim foi...

PEREZ no «Belenenses»

— Em que condições ingressou no «Belenenses»?

— Contrato por duas épocas, 30 contos em cada, e ordenado mensal de 3 mil escudos.

Perez, lutando contra o médio Torriense.

(Comparem-se estas cifras com as últimamente citadas e verificar-se-à que o «Belenenses» fez bom negócio...).

— Lembra-se da sua estreia no «Belenenses»?

— Foi contra o «Benfica» no Estádio Nacional. Ganhamos por 1-0 (golo de Matateu). Joguei contraído, com medo das coisas me corerem mal. Bem vê, nunca tinha saído da Argentina e tinha apenas 21 anos...

— Que impressões lhe suscitou então o nosso futebol?

— Logo me pareceu de bom nível.

— E confirmaram-se os seus receios?

— A princípio, não. Julgo que agradei, mesmo. Mais tarde atravessei um período de má forma.



O maior golpe da sua carreira desportiva: o «Belenenses» perdeu o campeonato nos últimos minutos de pugna. O massagista Pama e o médico dr. Silva Rocha tentam consolar o argentino que sofre como um belenense de gema.



Foi Riera que me restituiu a moral e a boa condição física.

Uma série de perguntas e respostas

Fizemos depois uma série de perguntas a Perez, sobre as suas preferências e noutros aspectos:

— Desde que se encontra em Portugal já foi assediado muitas vezes para mudar de clube?

— Convites formais, não. Únicamente, o Académico de Viseu me endereçou uma proposta para jogador-treinador, que não aceitei, pois sou muito novo ainda para assumir um cargo desses, e também porque o «Belenenses» tem continuado a interessar-se pelos meus serviços.

— Qual foi o seu melhor jogo?

— O mais «precioso» foi contra o F. C. Porto, esta época que nos valeu uma vitória. O mais bonito, em Braga. O Marateu deu-me a bola, de cabeça parei-a com o peito, e depois apliquei-lhe um «bico» potentíssimo.

— Qual foi o melhor jogo da sua vida?

— Foi na época passada num jogo contra o «Benfica» que ganhamos por 2-1.

— E a maior alegria?
— Quando «debutei» na I Divisão argentina, e vencemos o «Boca Juniors», como já referi.

— A maior tristeza?
— Sem dúvida alguma, quando o «Belenenses» «perdeu» o campeonato há anos.

— E qual é o lugar que gosta mais de ocupar?

— Interior. Gosto de marcar golos, e jogando recuado não se pode marcar tantos, mas parece-me que jogo melhor atrás do que à frente.

Surge um rival de tomo: SUAREZ!

Impunha-se uma pergunta:

— Como encara o recrutamento de um estrangeiro para o seu lugar habitual: Suarez?!

— Julga-me preocupado por isso? Estaria bem enganado. Para mim é um estímulo. Além de que, julgo, haverá lugar para dois, se não em todos, pelo menos para muitos. Suarez à frente, a avançado-centro, e eu...

Mais uma viagem que lhe proporcionou o «Belenenses»: Paris, Taça Latina...



Interrompeu-se, quando se lembrou que estava a falar à Imprensa, e disse:

— Bem, isso não é das minhas atribuições; é com o técnico do clube...

Mas é evidente que, nas íntimas cogitações, Perez está convicto que pode continuar a ser útil ao «Belenenses», como interior recuado.

Todavia... será certo que Perez continuará no Belenenses? Renovará o clube de Belém como todos os anos, o contrato com o jovem avançado argentino?

— Ignoro-o! — replicou-nos.

— E se não renovar, mudará de clube em Portugal ou regressará à Argentina?

— Na altura própria resolverei.

Francamente, não tenho uma ideia assente sobre isso. Sabe, eu este ano, vou à Argentina...

Era uma novidade para nós, naquele momento...

Perez acrescenta:

— Vou à Argentina, porque estou já cheio de saudades da família, que não vejo há seis anos já! Aproveito a viagem do «Belenenses» ao Brasil, e depois, dali a Buenos Aires, é um «pulo»...

— Voltará?

— Para o «Belenenses», decerto. Se não renovar o contrato, entretanto, não sei, lá verei o rumo a seguir!

E todos nós ficamos na expectativa se voltaremos ou não a ver o simpático e dedicado futebolista belenense, Ricardo Perez...



Di Pace e Perez colegas de equipa até quando?

NO PRÓXIMO
NÚMERO:

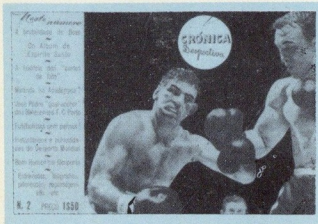
Quem é Orlando
o médio do Atlético
que pretende
ingressar no Sporting

Entrevista profusa-
mente ilustrada

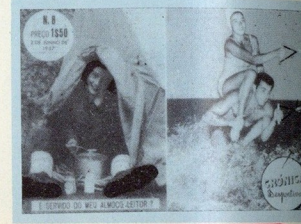
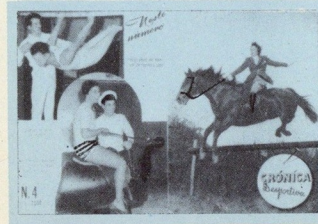
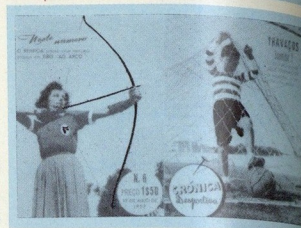
A COLEÇÃO IDEAL PARA LEVAR PARA FÉRIAS

CRÓNICA Desportiva

UM MUNDO DE CURIOSIDADES DO DESPORTO NACIONAL E ESTRANGEIRO



N.º
10
*
P
R
E
Ç
O
1\$50



*
16
D
E
J
U
N
H
O
D
E
1
9
5
7

AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
RUA SARAIVA DE CARVALHO, 207 - LISBOA - TELEF. 66-86-39 - 66-86-84